



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL**

**ALTERIDADE DEFICIENTE E ACESSIBILIDADE: ORIENTAÇÃO E  
MOBILIDADE NO CAMPUS DA UFSM E CENTRO DE SANTA MARIA-  
RS**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**MÁRCIA SOARES DA ROSA**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2015**

**Alteridade deficiente e Acessibilidade: Orientação e mobilidade no Campus da  
UFSM e Centro de Santa Maria- RS**

**por**

**MÁRCIA SOARES DA ROSA**

**Trabalho apresentado ao Curso de Graduação em Educação Especial -  
Licenciatura Plena – da Universidade Federal de Santa Maria como requisito  
parcial para a obtenção do grau de Graduado em Educação Especial**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elisane Maria Rampelotto**

**Santa Maria, RS, Brasil, 2015**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL**

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova o Trabalho de Conclusão de Curso**

**Alteridade deficiente e Acessibilidade: Orientação e mobilidade no Campus da  
UFSM e Centro de Santa Maria- RS**

**Elaborado por**

**Márcia Soares da Rosa**

**Como requisito parcial para obtenção do grau de  
Graduado em Educação Especial**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elisane Maria Rampelotto  
(Presidente/Orientadora)**

---

**Prof<sup>a</sup> Esp.. Adriane Melara (UFSM)**

---

**Psic. Ariane Santellano de Freitas (UFRGS)**

---

**Prof<sup>a</sup> M.s PriscilaSilva Linassi (Suplente)**

**Santa Maria, 10 de Dezembro de 2015.**

## **AGRADECIMENTOS**

Existem pessoas em nossas vidas que nos deixam felizes pelo simples fato de haverem cruzado nossos caminhos. Algumas percorrem ao nosso lado, vendo muitas lutas passarem, outras, vendo apenas entre um passo e outro, mas todas de alguma forma tornam-se especiais.

Dessa forma, tento lembrar e agradecer a todos que, de alguma forma, contribuíram e fizeram-se especiais em minha trajetória, porém, aos que aqui não forem citados, deixo os meus mais sinceros agradecimentos.

Agradeço, a Deus, que, em sua infinita grandeza, guiou-me e proporcionou-me caminhos maravilhosos, aprendizados necessários, deu-me força e saúde.

A minha Mãe, minha genitora, que me ensinou a lutar por meus objetivos, me deu coragem, estímulo e muito carinho nos momentos que mais precisei; aquela que sempre luta, mesmo não tendo mais forças, e ainda consegue me proporcionar tudo de melhor.

Ao meu amor John, que sempre me incentivou nos momentos mais difíceis, que estava ao meu lado quando pensava que não iria conseguir que sempre me estendeu a mão e está no meu lado todos os dias me apoiando.

Aos meus irmãos, Carlos e Janete, que contribuíram me dando entusiasmo, e sempre acreditando que eu iria conseguir, e que de alguma forma estão sempre presentes em minhas conquistas.

À minha orientadora Professora Dra. Elisane Maria Rampelotto, que me orientou, pela sua disponibilidade, interesse e receptividade com que me recebeu e pela paciência e carinho com que me ajudou. Obrigada!!

# RESUMO

Trabalho de Conclusão de Curso  
Curso de Graduação em Educação Especial  
Universidade Federal de Santa Maria

## **Alteridade deficiente e acessibilidade: Orientação e mobilidade no Campus da UFSM e Centro de Santa Maria- RS**

AUTORA: MÁRCIA SOARES DA ROSA  
ORIENTADOR: ELISANE MARIA RAMPELOTTO  
Data e Local de Defesa: 10/12/15

Este trabalho tem como tema principal a alteridade deficiente e a acessibilidade. Na metodologia utilizou-se abordagem qualitativa, onde desenvolveu-se o estudo com cinco sujeitos que frequentam o campus da UFSM e ruas centrais de Santa Maria-RS. A partir de um questionário com dez perguntas procura-se, na elaboração desta pesquisa por meio das narrativas dos participantes, investigar a acessibilidade, orientação e mobilidade de sujeitos cadeirantes e cegos para locomoção em espaços públicos na Universidade Federal de Santa Maria e no centro de Santa Maria. Busca-se um aporte teórico a respeito dos sujeitos da pesquisa, além da legislação que assegura os direitos desses sujeitos quanto a sua acessibilidade. Os dados coletados foram analisados a partir das vivências no cotidiano de dois sujeitos cegos e três cadeirantes. Os resultados revelam que há irregularidades encontradas no campus e na cidade de Santa Maria que dificultam o cotidiano de cegos e cadeirantes nos espaços externos e nas edificações. A maioria dos sujeitos investigados consideram as calçadas e ruas irregulares e desconformes com o que é previsto na legislação sobre acessibilidade para alteridade deficiente. E, declaram como sendo um dos graves problemas de acessibilidade que enfrentam e que afetam a locomoção, mobilidade e orientação da experiência que vivem cotidianamente.

**Palavras chave:** Cegos. Cadeirantes. Acessibilidade. Mobilidade. Orientação.

# SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	7
PARTE I.....	9
1. CAMINHOS INVESTIGATIVOS.....	10
1.1 SUJEITOS DA PESQUISA.....	12
PARTE II.....	14
2. LEGISLAÇÃO, ACESSIBILIDADE E LOCOMOÇÃO EM ESPAÇOS PÚBLICOS.....	15
2.1 ACESSIBILIDADE / ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE: CONCEITOS E TERMINOLOGIAS.....	15
2.2 ALTERIDADE DEFICIENTE: CEGOS E CADEIRANTES.....	18
2.2.1 A CONDIÇÃO DE SER CEGO E SUAS IMPLICAÇÕES DE LOCOMOÇÃO.....	18
2.2.2 A CONDIÇÃO DE SER CADEIRANTE E SUAS IMPLICAÇÕES DE LOCOMOÇÃO.....	20
PARTE III.....	22
3. EXPERIÊNCIAS E CENAS VIVIDAS NO COTIDIANO DE CEGOS E CADEIRANTES: DAS CONDIÇÕES DE ACESSIBILIDADE A LOCOMOÇÃO.....	23
3.1 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS.....	23
PARTE IV.....	29
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
PARTE V.....	32
5. APÊNDICE A- EXPERIÊNCIAS E CENAS VIVIDAS NO COTIDIANO DE CEGOS.....	33
5.1 APÊNDICE B- EXPERIÊNCIAS E CENAS VIVIDAS NO COTIDIANO DE CADEIRANTES.....	37
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Início a escrita deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), mostrando a minha trajetória acadêmica e os deslocamentos de como fui sendo constituída para tornar-me uma profissional na área da educação especial. Sou acadêmica do oitavo semestre do Curso de Educação Especial diurno, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Sou natural de São João do Polêsine e trago, par iniciar a conversa, meu desejo, razões e motivação para a escolha desta temática para a realização da pesquisa para o TCC.

Antes de entrar para o ensino superior, também estudei em escola pública. Uma escola considerada padrão em minha cidade, mas que faltava espaço para discussões, questionamentos e reflexão. Sempre senti que algo faltava em meus estudos antes entrar para a universidade.

A metodologia das aulas não era atrativa sendo difícil o entendimento dos conteúdos em sala de aula. Pensava então: Será que ser professora é ser como aquela que tive nas séries iniciais?

E como desde muito pequena já brincava de ser professora comecei a questionar-me sobre esta profissão. Mas pensava em trabalhar com um publico diferenciado. O que escolher como profissão?

Ao entrar para ensino médio, comecei a buscas profissões que trabalhassem com o público que eu desejava, apesar de querer ser professora desde criança, na hora da escolha do curso escolhi Terapia Ocupacional, por ser um curso novo, fiquei interessada no que ele podia oferecer. Não passei no vestibular, fiquei de suplente, então me escrevi nas vagas remanescentes que a Universidade Federal de Santa Maria oferece. Ingressei no Curso de Educação Especial por segunda opção, queria uma profissão na qual eu pudesse interagir com a alteridade deficiente percebendo o sujeito na “condição daquilo que é diferente de mim” na “condição de ser o outro” (SILVA, 2000, p.16).

E, hoje, prestes a me tornar educadora especial e envolvida em projetos e questões relacionadas à acessibilidade durante o curso é que me levou e motivou a escolher esta temática.

Durante minha experiência e trajetória acadêmica na UFSM e em Santa Maria observava e percebia os espaços públicos para sujeitos cegos e cadeirantes. Porque esses sujeitos? Pois ao observar o dia a dia quero saber se esses sujeitos que necessitam de instrumentos para de locomover estão felizes com o que encontram ao sair de casa. Essas questões me levaram ao problema de pesquisa que é saber: Quais condições de acessibilidade, orientação e mobilidade possuem e como se efetiva a locomoção de cadeirantes e cegos em espaços públicos de maior circulação na Universidade Federal de Santa Maria e na comunidade santa-mariense?

Como principal objetivo a pesquisa pretende: investigar a acessibilidade, orientação e mobilidade de cadeirantes e cegos para locomoção em espaços públicos na Universidade Federal de Santa Maria e nas ruas centrais de Santa Maria. Ainda, como objetivos específicos: identificar os espaços públicos de circulação de cadeirantes e cegos na Universidade Federal de Santa Maria e no centro da cidade de Santa Maria e verificar como estão sendo utilizados esses espaços pelos sujeitos cadeirantes e cegos. Ainda, objetiva descrever as dificuldades encontradas pelos sujeitos da pesquisa em relação a locomoção no campus da UFSM e nas principais ruas da cidade de Santa Maria.

O presente trabalho contempla a *Apresentação* descrita acima e divide-se em:

Parte I – que delimita os *Caminhos Investigativos*, contornos e rumos que tomaram a pesquisa de Campo e de como foram realizadas as entrevistas com dois sujeitos cegos e três cadeirantes que frequentam o campus da Universidade Federal de Santa Maria e ruas centrais da cidade de Santa Maria- RS.

Parte II – Aborda o *Referencial Teórico* sobre: a) Legislação, Acessibilidade e Locomoção em Espaços Públicos trazendo o conceito de acessibilidade, orientação e mobilidade nos espaços públicos. b) Alteridade Deficiente: Cegos e Cadeirantes e implicações de locomoção.

Parte III – Contempla a *Análise dos Dados Coletados* durante a pesquisa trazendo as experiências e cenas vividas no cotidiano de cegos e cadeirantes na UFSM e cidade de Santa Maria. E para encerrar este estudo faz-se as *Considerações Finais*.



## 1. CAMINHOS INVESTIGATIVOS

A temática desse trabalho foi motivada pelo meu envolvimento em projetos e a questões relacionadas à acessibilidade, orientação e mobilidade da alteridade deficiente. Assim, para que os objetivos sejam alcançados pretendo realizar uma Pesquisa de Campo do tipo descritiva. Do ponto de vista da forma de abordagem do problema invisto na Pesquisa Qualitativa pois segundo Silva & Menezes (2001, p. 20), a pesquisa qualitativa

considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e atribuição de significados são básicos no processo qualitativo.

Assim, a pesquisa qualitativa não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas e o ambiente natural é a fonte direta para a coleta de dados.

O estudo realizou-se em espaços públicos da cidade de Santa Maria- RS e no campus da UFSM. Me refiro aos espaços públicos que os sujeitos desta pesquisa utilizam cotidianamente. Durante a coleta dos dados e aplicação do instrumento da pesquisa esses espaços serão mencionados. Utilizei, como instrumento de pesquisa, a *entrevista*.

O termo entrevista é construído a partir de duas palavras, entre e vista. Vista refere ao ato de ver, ter preocupação com algo. Entre indica a relação de lugar ou estado no espaço que separa duas pessoas ou coisas. Portanto, o termo entrevista refere-se ao ato de perceber realizado entre duas pessoas. (RICHARDSON,1999, p.207).

De acordo com Salvador (1980) apud Ribeiro (2008), a entrevista tornou-se, nos últimos anos, um instrumento do qual se servem constantemente, e com maior profundidade, os pesquisadores das áreas das ciências sociais e psicológicas. Recorrem estes à entrevista sempre que têm necessidade de obter dados que não podem ser encontrados em registros e fontes documentais, podendo estes ser fornecidos por determinadas pessoas.

Esse modo de pesquisa é viável quando o pesquisador quer ter informações do seu objeto, sujeito. Sendo assim conhecer o cotidiano de quem é entrevistado é necessariamente importante para iniciar uma pesquisa, sempre focando em um tema central e principalmente no objetivo do trabalho. Os sujeitos fornecem informações e recursos relevantes para que possa ser realizada a pesquisa através de um processo de comunicação natural sobre sua vida.

Há sempre questões que podem influenciar nos dados da investigação, como, por exemplo, a influencia de caráter social e cultural. O entrevistador precisa considerar essas questões e perceber essa influência através da observação de onde o pesquisado está inserido para assim iniciar ou dar continuidade a coleta de dados.

As entrevistas foram realizadas com dois sujeitos cegos e três cadeirantes que frequentam o campus da Universidade Federal de Santa Maria e ruas centrais da cidade de Santa Maria- RS. Neste estudo trata-se das ruas Floriano Peixoto, Venâncio Aires, Astrogildo de Azevedo, Avenida Rio Branco e Acampamento.

Como entrevistei os sujeitos da pesquisa?

As entrevistas foram realizadas pessoalmente, sendo assim expliquei os motivos da pesquisa e questioneei se os dados poderiam fazer parte do TCC. Esclareci aos sujeitos o objetivo do estudo: que é investigar a acessibilidade, orientação e mobilidade de cadeirantes e cegos para locomoção em espaços públicos de maior circulação na Universidade Federal de Santa Maria e na comunidade santa-mariense. Quero verificar como estão sendo utilizados esses espaços pelos cadeirantes e cegos. E, descrever as dificuldades encontradas pelos sujeitos da pesquisa em relação à locomoção no campus da UFSM e nas principais ruas da cidade de Santa Maria.

De posse da autorização dos sujeitos da pesquisa inicio a entrevista e com o consentimento de cada um deles realizo a gravação para a busca e coleta dos dados.

## 1.1 Sujeitos da Pesquisa

No quadro abaixo apresento os sujeitos participantes da pesquisa. É possível visualizar a idade e a deficiência do sujeito.

Para preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa utilizarei S (sujeito) + a letra inicial do nome.

SUJEITO	IDADE	DEFICIÊNCIA
SC	39 anos	Sujeito Cego
SD	22 anos	Sujeito Cego
SP	21 anos	Sujeito Cadeirante
SA	15 anos	Sujeito Cadeirante
SF	20 anos	Sujeito Cadeirante

**Sujeito C:** é natural de Santa Cruz do sul. Mora em Santa Maria há 1 ano, onde é servidor público na Universidade Federal de Santa Maria. **C** ficou cego na adolescência.

**Sujeito D:** é natural de Santa Maria e reside do bairro Alto da Boa Vista. É estudante do Curso de Pedagogia noturno da UFSM. Ficou cego aos oito anos de idade em decorrência do deslocamento da retina.

**Sujeito P:** é natural de Santa Maria, atualmente estuda na Escola João Luiz Possobon na vila Maringá, onde está no oitavo ano. **P** nasceu prematuro de seis meses e, possivelmente em consequência disso, teve paralisia cerebral.

**Sujeito A:** é natural de Santa Maria, mora no bairro Tancredo Neves e atualmente estuda na escola Paulo Lauda onde cursa o oitavo ano do ensino fundamental. **A** nasceu com paralisia.

**Sujeito F:** é natural de Rosário do Sul, mora em Santa Maria desde os três anos de idade, no bairro Tancredo Neves. Concluiu o Ensino Médio no ano de 2014. Nasceu com paralisia cerebral leve.



## **2. LEGISLAÇÃO, ACESSIBILIDADE E LOCOMOÇÃO EM ESPAÇOS PÚBLICOS**

### **2.1 Acessibilidade / Orientação e Mobilidade: conceitos e terminologias**

De acordo com a Lei 10.098/2000, art. 2º, inciso I, entende-se por acessibilidade a “possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos transportes e dos sistemas e meios de comunicação, por pessoa portadora<sup>1</sup> de deficiência ou com mobilidade reduzida.”

Esta Lei possibilita a qualquer sujeito que tenha deficiência, ingresso e permanência em qualquer ambiente, garantindo o acesso arquitetônico e/ou de comunicação. Considerando que é uma lei que gera resultados sociais positivos e contribui para o desenvolvimento inclusivo, sua implementação é fundamental. Assim, as decisões governamentais e as políticas públicas e programas são indispensáveis para impulsionar uma nova forma de pensar, de construir, de comunicar e de utilizar recursos públicos para garantir a realização dos direitos e cidadania.

Em 1985 a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) publicou algumas normas, com o intuito de possibilitar “a adequação dos edifícios e do mobiliário urbano à pessoa deficiente” (NBR 9050, 1985, p.1).

Segundo a norma Brasileira 9050 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT/NBR, 2004), “o direito à acessibilidade de pessoas com deficiência se fundamenta nos direitos humanos e de cidadania. É um direito universal, solidificado no direito constitucional de igualdade, representando uma concretização dos objetivos e princípios traçados por Constituições, Declarações e Conferências de vários estados e nações, incluindo o Estado Brasileiro e a Constituição de 1988.”

A existência da legislação, todavia, não implica em uma materialização do direito à igualdade, cidadania e acessibilidade.

---

<sup>1</sup> De acordo com Sasaki (2003) “A tendência é no sentido de parar de dizer ou escrever a palavra “portadora” (como substantivo e como adjetivo). A condição de ter uma deficiência faz parte da pessoa e esta pessoa não porta sua deficiência. Ela tem uma deficiência.”

A acessibilidade tem um caráter social, que influencia na vida das pessoas, quando ela é extinta dos espaços públicos pode unir ou segregar, pois é uma função social e a mesma tem que integrar as pessoas, proporcionando prazer em sair de casa, sabendo que é possível se locomover com segurança e sem barreiras. Em relação as definições da Norma Brasileira 9050 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT/NBR, 2004) qualquer elemento natural, instalado ou edificado que impeça a aproximação, transferência ou circulação no espaço, mobiliário ou equipamento urbano.

De acordo com a NBR 9050 (2004), todas as edificações e espaços, inclusive mobiliários e equipamentos urbanos que forem projetados ou até mesmo implantados devem atender ao que é determinado na norma, para então serem considerados acessíveis. Dessa forma, de acordo com Bittencout (2004), a construção de um determinado espaço deve ser acessível a todos os usuários, independente da sua condição de mobilidade (BITTENCOUT, 2004).

Questiona-se então: Santa Maria tem planejamento e uma política adequada que favoreça a acessibilidade de todos? De qualquer cidadão? Independente da condição de serem cegos ou cadeirantes?

Para que os espaços sejam acessíveis é necessário equipamentos, funções diferenciadas para o uso coletivo, contribuindo assim para o deslocamento de todas as pessoas que circulam na cidade, sendo um sujeito cadeirante, cego ou não.

A mobilidade é vista como uma ação de movimento, que segundo Wojnack (1989) é:

a habilidade física para se mover determinadamente, eficientemente, seguramente, pelo meio ambiente e, tão independentemente quanto possível de um lugar para outro. Ela envolve: orientação, movimento do corpo, uma razão para se mover (motivação) e comunicação (WOJNACK, 1989, p. 10).

Portanto, a mobilidade como ação de movimento, ou seja, como capacidade física de mudar de um lugar para outro espaço com segurança, eficiência e sem erros.

Novi (1996) diz que o objetivo da orientação e Mobilidade é:

Fazer com que a pessoa cega ou de visão subnormal caminhe em ambiente interno e externo com eficiência, graciosidade, de maneira segura e independente. Para esse objetivo ser atingido há a necessidade do desenvolvimento de algumas habilidades. A ação de assimilar e o efeito de utilizar essas habilidades facilitarão o desempenho na mobilidade e no grau de independência na locomoção (NOVI, 1996, p.30).

Ter segurança e independência para sair a qualquer lugar que se deseja é extremamente importante, mas para isso é necessário ter condições de acessibilidade por onde se deseja transitar.

Para Coín e Enriquez (2003), a habilidade de Orientação e Mobilidade

Facilita o desenvolvimento maturativo da criança, vidente ou não. Não podemos nos esquecer do vínculo que se estabelece entre a capacidade para deslocar-se e o progressivo aumento do conhecimento do meio que a criança experimenta; conhecimento que por sua vez, é o estímulo mais relevante para induzir novos deslocamentos. Um nível suficiente de OM repercute em outros aspectos do desenvolvimento geral do indivíduo. Permite adequado repertório conceitual, aumento da auto estima favorece o desenvolvimento psicomotor e possibilita o acesso as atividades socioculturais (facilita o deslocamento a colégios, museus, etc.). (COÍN E ENRIQUEZ, 2003, p. 249-250)

As barreiras encontram-se em muitos lugares, muitas vezes não são percebidos por quem não tem dificuldade de locomoção, mas para quem possui, um galho de árvore, por exemplo, pode fazer toda diferença. As barreiras ambientais são uma das maiores dificuldades principalmente para pessoas cegas que ao andarem sozinhas não tem a capacidade de desviar dos obstáculos.

## **2.2 Alteridade Deficiente: Os Cegos e Cadeirantes**

### **2.2.1 A Condição de Ser Cego e suas implicações de locomoção**

Atualmente no Brasil, existem 45 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência. Cerca de 528.624 apresentam deficiência visual, segundo o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.(Censo – IBGE 2010). Na Região Sul encontramos, segundo os dados do IBGE, 2010, 72.541 pessoas que não enxergam e 793.545 com grande dificuldade para enxergar, totalizando dessa forma 866.086 pessoas com deficiência visual.

O que é cegueira?

A cegueira é a falta de visão, a não capacidade de enxergar, não possibilitando ter as informações que o mundo externo nos trás através dela.

Segundo Amiralian (1997), a primeira preocupação com a cegueira foi a da medicina, que a percebia como uma consequência de doenças e buscava minimizar a falta de visão com o objetivo de fazer a pessoa enxergar novamente. A ausência da visão pode ser ocasionada por diversos fatores, poder ser perdida aos poucos ou repentinamente.

Todos nós temos memória, principalmente memória visual, e o cego de nascença constrói as características de sua personalidade a partir da condição de ser cego. Já a pessoa que ficou cega durante o percurso da vida, que é o caso dos sujeitos desta pesquisa, a deficiência foi causada por vários fatores e esses sujeitos tem armazenado toda memória de quando já enxergou e assim apresenta mais características de personalidade anteriores a perda da visão, do que a nova condição.

Segundo Amiralian (1997, p.63 )

Os cegos que perdem a visão a partir dos cinco anos são considerados cegos adventícios ou adquiridos. Os casos de cegueira anterior a essa idade são chamados de cegueira congênita. A delimitação da idade de cinco anos para o diagnóstico de cegueira adquirida é fruto de pesquisas que não

identificaram memória visual em cegos que perderam a visão antes dessa idade.

O apoio familiar, social e psicológico são fundamentais para a pessoa que vive a condição de outro – a condição de ser cego.

É necessário fazer com que a informação visual chegue ao cego por outras formas, ou seja, através do tato, audição ou linguagem. Assim então:

O cego substitui o que ele não vê por meio da linguagem, o que pode justificar algumas palavras não compreensíveis ou parcialmente compreensíveis que eles falam. Além disso, o sujeito cego percebe o mundo por meio de todos os sentidos que não a visão (tato, olfato, paladar, audição), mas o significado das coisas lhe é transmitido, em sua maioria, por videntes que utilizam muito menos esses sentidos e muito mais a visão como fonte de informação e conhecimento. A consequência deste impasse é que a pessoa cega tem que fazer constantes “ajustes” entre aquilo que ela conhece por meio de suas percepções e aquilo que chega pela fala dos que a rodeiam. (AMIRALIAN, 1997, p. 64)

Um dos grandes desafios do sujeito cego é a configuração espacial dos espaços físicos. É preciso que ele conheça os espaços por onde vai circular, e para tal é preciso “criar oportunidades e estratégias de exploração, identificação e reconhecimento do espaço concreto” e assim internalizar e dominar esses espaços durante o tempo necessário para obter autonomia, independência e autoconfiança (SÁ, 2011, p.201).

Para Sá (2011), “ a familiaridade, a internalização e o domínio do espaço físico pelos alunos cegos levam mais tempo e dependem da apropriação e interpretação de pistas não visuais como fontes sonoras, referências táteis, olfativas, cinestésicas, dentre outras” (SÁ, 2011, p.201).

Para a mesma autora a condição de cegueira

restringe a amplitude e variedade de experiências, a orientação e mobilidade, o controle do ambiente e a interação do sujeito com o mundo que o cerca. A experiência de imitação é bastante limitada para uma criança cega que não pode perceber as expressões faciais, o seguimento dos objetos, a disposição das coisas, o movimento das pessoas, a configuração dos espaços e etc (SÁ, 2011, p.180)

Há várias maneiras de facilitar a locomoção desses sujeitos, entre elas: o uso de bengala guia, calçadas com pisos táteis, ônibus com aviso sonoros, etc. Esses são

alguns dos instrumentos que facilitam a vida desses sujeitos. Esses instrumentos são denominados de Tecnologia Assistivas que facilitam a vida dos sujeitos que fazem parte desta pesquisa: os cadeirantes e cegos.

Segundo Melo (2006) as Tecnologias Assistivas são "recursos e serviços que visam facilitar o desenvolvimento de atividades da vida diária por pessoas com deficiência. Procuram aumentar capacidades funcionais e assim promover a autonomia e a independência de quem às utiliza" (MELO, 2006, p. 62).

### **2.2.2 A Condição de Ser Cadeirante e suas implicações de locomoção**

A deficiência física pode ser ocasionada por vários fatores, que comprometem o desenvolvimento motor do sujeito. Há vários graus de incapacidade, mas há sempre uma forma de adaptação para sua locomoção.

O termo deficiência física refere-se ao comprometimento do aparelho locomotor que compreende os sistemas ósteo-articular, muscular e nervoso. Pode ser ocasionada por lesões ou doenças que atingem alguns desses sistemas isoladamente ou em conjunto, cuja consequência é a limitação física em diferentes graus e níveis de complexidade, de acordo com o tipo de lesão ocorrida e os segmentos corporais atingidos. A deficiência pode ser definitiva, temporária ou progressiva. (BATTISTEL, 2001, p. 103)

O conceito de deficiência tem sido amplamente discutido por diversos atores sociais e sua concepção tem variado de acordo com os diferentes momentos históricos e concepções de homem, saúde e sociedade.

Para a Política Nacional de Educação Especial ( 1994), a deficiência física está associada a:

uma variedade de condições não sensoriais que afetam o indivíduo em termos de mobilidade, de coordenação motora geral ou de fala como decorrência de lesões neurológicas, neuromusculares e ortopédicas, ou ainda, de má-formações congênitas ou adquiridas (POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 1994, p.14).

Entre as classificações das deficiências físicas, temos a Paralisia Cerebral, que pode estar associada à deficiência mental ou da comunicação e que se constitui de lesão de parte(s) do cérebro. É causada por fatores pré natais (durante a gestação),

perinatais (início do parto até o final da primeira semana de vida) e, ainda, pós-natais (no processo de amadurecimento do cérebro da criança).

A paralisia cerebral é definida, segundo Schwartzman e Assumpção (1995), como “um distúrbio do movimento e da postura, persistente, porém, não invariável, que surge nos primeiros anos de vida, devido a condições não progressivas do cérebro, resultado da interferência no seu desenvolvimento”( SCHWARTZMAN E ASSUMPÇÃO, 1995, p.34). É uma lesão geralmente provocada durante o nascimento pela falta de oxigenação das células cerebrais e tem como principal sintoma o prejuízo motor.

A mobilidade e locomoção são um dos grandes desafios das pessoas com deficiência física, o grande obstáculo para seu desenvolvimento é a limitação de movimentos. Mas isso não impede o sujeito de ter autonomia e conquistar sua independência, pois a interação social envolve muito mais que somente ter mobilidade, coordenação e movimentos. É necessário perceber que os caminhos desses sujeitos são os mesmos que de nós, videntes e caminantes, que utilizamos cotidianamente. A diferença é de que os sujeitos com deficiência física ou cegos se locomovem com andadores, cadeira de rodas, bengalas, etc. E sempre é bom lembrar que todo ambiente deve ser acessível para circulação e locomoção que permitam um maior alcance manual e visual de qualquer indivíduo, seja ele cego ou vidente, cadeirante ou não .



### **3. EXPERIÊNCIAS E CENAS VIVIDAS NO COTIDIANO DE CEGOS E CADEIRANTES: Das Condições de Acessibilidade, de Orientação e Mobilidade.**

Neste capítulo apresento as considerações feitas pelos sujeitos, visando à coleta de dados, a entrevista foi elaborada com foco na acessibilidade, orientação e mobilidade dos espaços da cidade de Santa Maria e no Campus da Universidade Federal.

Na aplicação da entrevista buscou-se dados sobre o uso do espaço e se há irregularidades nas áreas em estudo através da percepção ambiental dos usuários cegos e cadeirantes.

#### **3.2.1 Análise dos Dados Coletados**

A partir das cenas do cotidiano vividas pelos sujeitos cegos e sujeitos cadeirantes procurei elencar duas Categorias de Análise para a discussão dos dados coletados na pesquisa. São elas:

- **Acessibilidade: Orientação e mobilidade na UFSM e em Santa Maria**
- **Locomoção: Barreiras e dificuldades na UFSM e em Santa Maria**

## **Acessibilidade: Orientação e mobilidade na UFSM e em Santa Maria**

Segundo Lamônica e colaboradores (2008), acessibilidade compõe o conceito de cidadania, no qual os indivíduos têm direitos assegurados por lei que devem ser respeitados, entretanto, Manzini (2003) afirma que muitos destes direitos legais ainda encontram barreiras arquitetônicas e sociais.

Nosso país possui uma legislação clara no que se refere aos direitos das pessoas com deficiência. E muitas dessas pessoas desconhecem a legislação e os direitos que possuem em relação à questão da acessibilidade em espaços públicos como nas ruas centrais de Santa Maria e nos espaços do campus da UFSM. Pode-se dizer que toda a legislação é um labirinto democrático que a população em geral precisa percorrer para certificar-se dos direitos assegurados das pessoas com deficiência ou não.

Ao analisar os dados nota-se o quanto os sujeitos da pesquisa estão insatisfeitos com a estrutura física que a cidade de Santa Maria apresenta, e também o que encontram no campus na UFSM. Percebe-se que há necessidade de intervenções, planejamentos e execução no espaço público da cidade em geral. Constata-se claramente a insatisfação da maioria dos entrevistados quanto à acessibilidade e mobilidade dos espaços que frequentam. Constata-se isso nas falas de **SD**, **SC** e **SP** quando interrogado se os espaços públicos são adequados para a sua locomoção eles respondem:

*Não, nenhum pouco nem pra mim, nem pra qualquer deficiente, principalmente aqui dentro da universidade as paradas estão todas esburacadas, tem árvore pelo caminho, tem poste, se tu vais pra um lado cai em um buraco, vai para o outro tu bate com a cara no poste então acessibilidade zero (Sujeito D)*

*[...] dentro do campus que é uma estrutura mais antiga, as calçadas, os terrenos são desnivelados, muitas calçadas quebradas, muito barro e sujeira, o que acaba dificultando mais meu deslocamento. Mas nas calçadas novas entre o prédio 17, 19 e 21, ali tem essas guias elevadas, ali eu até me acho bem. Mas no geral as calçadas estão bem irregulares, tem galho de árvore baixa, sujeira, tudo que é coisa no caminho (Sujeito C).*

*as ruas são muito ruins, a muitas pedras no caminho que dificultam minha locomoção, então saio pouco de casa por isso ( Sujeito F)*

*onde eu moro é estrada de chão fica ruim de sair, por causa da manutenção das cadeiras de rodas, principalmente da cadeira motorizada, tem um custo muito caro para a manutenção, às vezes falta peças para essa manutenção e chega demorar um ano, então não saio de casa para minha cadeira não estragar, tanto que eu nasci em Santa Maria e nem conheço minha cidade direito. Nós cadeirantes queremos conquistar nosso espaço, queremos ser uma pessoa comum, ser respeitado. Nada muda, os anos passam e está sempre a mesma coisa as pessoas a se isolam da gente. (Sujeito P)*

Neste sentido, percebe-se que a falta de acessibilidade afeta muito além dos espaços físicos, mas também os direitos adquiridos constitucionalmente, atingindo de forma negativa a cidadania da pessoa com deficiência. Pois, sabe-se que a legislação brasileira institui a completa garantia de direitos, mas que na realidade pouco se concretiza, como podemos verificar nas falas dos sujeitos da pesquisa. Além disso, nota-se ausência de conscientização de muitos indivíduos e órgãos o que inviabiliza o sucesso seja da inclusão social ou escolar.

No geral constata-se reclamações da maioria dos sujeitos entrevistados como pode-se verificar nos excertos acima. Aqueles que não reclamaram dizem que:

*Como não ando de ônibus, não faço ideia de como está atualmente à situação.(SA)*

*Não saio muito, mas quando saio gosto de ir ao shopping no bairro Dores. Não há dificuldades para mim quando vou até lá (Sujeito F)*

Quanto a isso, Lopes (2007, p. 2) nos diz que: “a mobilidade com autonomia e segurança, constitui um direito universal e resulta das conquistas sociais e do conceito de cidadania”.

Uma questão, que merece ser discutida nesta análise, é a dificuldade de orientação dos sujeitos cegos, pois com a ausência de visão é necessário que eles tenham pontos fixos para se orientar no seu dia a dia. E um dos principais instrumentos que podem orientar o sujeito cego são as calçadas com piso tátil. Mas segundo a fala de **SC** o piso tátil é raro nos pontos de circulação na UFSM e no centro de Santa Maria. Abaixo o fragmento do SC referindo-se a importância do piso tátil. Ele diz que :

*Um recurso muito importante para nós é o piso tátil e as guias elevadas, claro que o básico é ter uma calçada inteira, isso é fundamental. A guia elevada e o piso tátil a gente não tem aqui e isso acaba sendo um problema. Uma coisa nova, mas que*

*iria ajudar muito são os mapas de orientação, pois também tenho que saber para onde eu vou, ai tu pensa em um campus grande como é o nosso aqui, depois de fazer um mapa mental, saber onde está às coisas ficam mais fácil. Fico feliz quando as pessoas reformam suas calçadas, colocam piso tátil, nem que for uma tirinha já ajuda.(Sujeito C)*

É de fundamental importância o piso tátil, pois é um recurso que orienta o sujeito cego. Para Weishahn(1990), orientação é o processo de utilizar os sentidos remanescentes para estabelecer a própria posição e o relacionamento com outros objetos significativos no meio ambiente.

Em pleno século XXI ainda há muito que se fazer para a inclusão da alteridade deficiente em espaços públicos de Santa Maria e também de nossa cidade universitária. É preciso transformar em espaços acessíveis os ambientes físicos, mobiliários e os transportes públicos e também que a sociedade em geral e o poder público sintam-se comprometidos com a causa da diferença.

### **Locomoção: Barreiras e dificuldades na UFSM e em Santa Maria**

De modo geral os sujeitos desta pesquisa enfatizam as dificuldades nas ruas centrais de Santa Maria, aquelas que mais utilizam no dia a dia, e que muitas vezes prejudicam e até mesmo impedem a locomoção. Nos locais em que a acessibilidade não é garantida as limitações da pessoa com deficiência, de modo geral, aparecem. Observa-se os excertos de SP e SF:

*Locais preferidos é o calçadão, só que não vou muito por causa da dificuldade de locomoção as calçadas estão destruídas então vou pouco para lá e a UFSM. (Sujeito P)*

*Na cidade as calçadas são intransitáveis, nem todas as calçadas há rampas. Já na universidade já é melhor, há rampas boas, só que às vezes a imprudência é dos motoristas que estacionam na frente dessas rampas, as pessoas não enxergam nós.(Sujeito P)*

*Na universidade não há barreiras, principalmente no centro de educação física. Já na cidade há locais sem rampas e calçadas são precárias.(Sujeito F)*

Esses locais são onde os sujeitos mais frequentam no decorrer dos dias, as principais barreiras que enfrentam tanto nesses locais como na UFSM, é a falta de estrutura e cuidados com a locomoção. Como citado pelos sujeitos cegos as pequenas coisas já se tornam barreiras, como o galho de uma árvore por exemplo.

Gil (2006) observa que as principais barreiras que as pessoas com deficiência enfrentam são os preconceitos, a discriminação e os ambientes sem acessibilidade, visto que estes foram criados a partir da concepção idealizada de uma pessoa normal, do homem perfeito.

Já para os sujeitos que utilizam cadeiras de rodas a principal queixa são as condições das calçadas, principalmente no centro da cidade, e também a falta de rampas.

O transporte público em Santa Maria parece estar se adaptando a legislação vigente, pois segundo os cadeirantes, há poucos ônibus que não possuem elevador e os sujeitos cegos que dependem do motorista ou cobrador relatam que não há problemas quanto à disponibilidade desses profissionais para informar em que parada e quando devem descer ou qual ônibus pegar.

Alguns dos sujeitos cadeirantes elencam a UFSM como um lugar acessível, pois por onde circulam possui rampas e os prédios que frequentam não há dificuldades de locomoção. Porém, coloca um dos sujeitos cadeirantes que é a falta de respeito ou até mesmo de atenção das pessoas que estacionam os carros em frente ao acesso das rampas.

*Na cidade as calçadas são intransitáveis, nem todas as calçadas há rampas. Já na universidade já é melhor, há rampas boas, só que às vezes a imprudência é dos motoristas, que estacionam na frente dessas rampas, é uma falta de respeito com nós cadeirantes. (Sujeito P)*

Já o sujeito cego tem mais dificuldades ao circular pela UFSM, pois o que mais dificulta sua locomoção são as calçadas, degraus, objetos pelo caminho.

Segundo um dos sujeitos dessa pesquisa para minimizar tais barreiras a comunidade de forma informal tenta solucionar as necessidades de acessibilidade, de

maneira espontânea, sustentadas pela solidariedade e disponibilidade das pessoas da que veem suas dificuldades no dia a dia.

Os relatos dos sujeitos demonstraram que as principais irregularidades encontradas no campus e na cidade de Santa Maria afetam o acesso entre os espaços externos e as edificações por onde circulam diariamente. As calçadas irregulares são consideradas as vilãs dos problemas mais graves de não acessibilidade no campus da UFSM e nas ruas centrais de Santa Maria. Outro quesito crítico identificado é a presença de degraus nas edificações, assim como barreiras no caminho como árvores, postes, lixeiras.

Nos depoimentos dos entrevistados pode-se verificar que a falta de acessibilidade acarreta prejuízos para os mesmos, sejam eles de ordem intelectual, psicológica, social ou emocional. Favorecendo um cenário de sofrimento, de dificuldades, desânimos e angustias. Por esse viés vale ressaltar que a carência da responsabilidade social e política, alimenta a escala da exclusão, muito embora tem-se um elevado número de leis que garantem a efetivação da inclusão.



#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho foi desenvolvido com o objetivo de investigar a acessibilidade, orientação e mobilidade de cadeirantes e cegos para locomoção em espaços públicos na Universidade Federal de Santa Maria e nas ruas centrais de Santa Maria.

A ideia de fazer a pesquisa de forma descritiva faz com que os sujeitos da pesquisa nos relatem as suas vivências, que possam narrar como são seus dias ao sair de casa.

Investigar e mensurar as condições da acessibilidade no contexto atual não é tarefa fácil. No decorrer da pesquisa percebi que o termo acessibilidade não se limita apenas a permitir que as pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida participem das atividades diárias que incluem o uso de produtos e serviços e informações, mas dar oportunidade a inclusão e a extensão do uso destes.

Ao conversar com os sujeitos da pesquisa, percebe-se a esperança de poder sair mais de casa, de não ter medo de sair sozinhos e de terem autoconfiança.

Os dados da pesquisa permitem é incluir uma verdadeira política de inclusão social na cidade de Santa Maria e no Campus na Universidade Federal de Santa Maria é devidamente necessário ver a questão da acessibilidade como fundamental no planejamento urbano, de modo a abranger todos os setores da cidade. Iniciativas isoladas que apenas levam à construção de rampas, concessão de passe livre nos transportes, não são suficientes para garantir o direito à saúde, à educação, ao lazer, ao trabalho, à assistência social, ao transporte. É preciso garantir também a eliminação de barreiras.

Os principais locais identificados na pesquisa são Floriano Peixoto, Venâncio Aires, Astrogildo de Azevedo, Avenida Rio Branco e Acampamento este em condições precárias para a locomoção dos sujeitos desta pesquisa.

A necessidade de circular está ligada ao desejo de realização das atividades sociais, culturais, políticas e econômicas necessárias na sociedade. As pessoas com deficiência e mobilidade reduzida deveriam conseguir se movimentar pelos seus espaços com autonomia, segurança e conforto. Sair de sua residência, conseguir chegar até o seu local de trabalho, buscar algum lazer ou ir a seu trabalho.

É necessário que todos tomem providências para minimizar as barreiras, vejo que aos poucos estamos diminuindo tais barreiras, de um modo lento, mas já um começo. Devemos nos inspirar em países que estão à frente do nosso e seguir seus passos para assim dizer que moramos em um lugar onde todos tem o direito de ir e vir.

Afinal, o direito à acessibilidade é uma exigência constitucional que surge, atualmente, como um direito fundamental, sobretudo, para a pessoa com deficiência. Para que elas possam realizar de modo pleno e irrestrito esse direito fundamental, é essencial que lhes assegure a capacidade de circular pelos espaços de forma livre e com autonomia.



## 5. Apêndice A- EXPERIÊNCIAS E CENAS VIVIDAS NO COTIDIANO DE CEGOS

A seguir trago os relatos de experiências dos sujeitos cegos que frequentam a Universidade Federal de Santa Maria e a Cidade de Santa Maria. Para melhor entendimento trago os sujeitos em quadros separados de acordo com a deficiência.

<b>1. Idade? Você estuda? Em que nível de escolaridade se encontra?</b>	
<b>SC</b>	<i>39 anos. Não, trabalho como servidor público.</i>
<b>SD</b>	<i>22 anos. Sim, faço pedagogia na UFSM, 5° semestre.</i>
<b>2. Você tem deficiência desde infância ou adquirida na adolescência?</b>	
<b>SC</b>	<i>Deficiência adquirida causada por diabetes.</i>
<b>SD</b>	<i>Adquirida aos oito anos de idade, descolamento da retina.</i>
<b>3. Para se locomover você utiliza alguma ferramenta para facilitar sua Orientação e mobilidade? Quais?</b>	
<b>SC</b>	<i>Sim, Bengala Guia.</i>
<b>SD</b>	<i>Sim, Bengala Guia.</i>
<b>4 . Você acha que os espaços como, praças, calçadas, parada de ônibus, são adequados para sua locomoção?</b>	
<b>SC</b>	<i>Moro na entrada da universidade, ao lado da Roraima, na parte nova que fizeram na Roraima as paradas estão boas, a calçada está inteira e tem guia elevada- ela fica na parte de dentro da calçada, é como um meio fio elevado uns 10 cm e com a bengala consigo me orientar. Já dentro do campus que é uma estrutura mais antiga, as</i>

	<p><i>calçadas, os terrenos são desnivelados, muitas calçadas quebradas, muito barro e sujeira, o que acaba dificultando mais meu deslocamento.</i></p> <p><i>Mas nas calçadas novas entre o prédio 17, 19 e 21, ali tem essas guias elevadas, ali eu até me acho bem. Mas no geral as calçadas estão bem irregulares, tem galho de árvore baixa, sujeira, tudo que é coisa no caminho.</i></p>
SD	<p><i>Não, nenhum pouco nem pra mim, nem pra qualquer deficiente, principalmente aqui dentro da universidade as paradas estão tudo esburacadas, tem árvore pelo caminho, tem poste, se tu vais pra um lado cai em um buraco, vai para o outro tu bate com a cara no poste então acessibilidade zero.</i></p>
<p><b>5 . Quais os locais preferidos para sua locomoção na cidade? Há muitas dificuldades de orientação e mobilidade nesses lugares?</b></p>	
SC	<p><i>Eu sou novo aqui, já fui à praça na feira do livro, eu estava acompanhado, mas não vi nada de acessibilidade. Na frente da catedral na Avenida Rio Branco tem piso tátil, mas é só um trecho. Normalmente quando saio sozinho paro no final da linha na Vale Machado, já caminhei uns trechos ali, mas sempre com muita insegurança, é muito trânsito. Eu reclamava de alguns pontos de Santa Cruz, mas quando eu vim para Santa Maria eu fiquei impressionado é pior, muito pior. Antes de vir para cá, imaginei por ser uma cidade maior, com universidades, mais que o dobro da população de Santa Cruz teria condições acessíveis para minha locomoção, ai chego aqui e é essa situação. Não vi um movimento forte das associações aqui para que toda a cidade seja acessível.</i></p>
SD	<p><i>É mais no centro, na praça, no calçadão nesses lugares. Por ser um lugar que frequento bastantes até porque eu trabalho</i></p>

*no centro já consegui me adaptar, já consegui alguns pontos de referência. Tipo final se semana é mais tranquilo porque tem pouca gente, mas de dia de semana, quando eu saio à tardinha ou quando eu chego de meio dia para o trabalho é bem complicado. Nas calçadas não tem como ter referência, porque se tu fores pela parede tem gente encostadas a elas, se tu vais pro meio tem banco então é bem complicado essa questão de acessibilidade.*

**6. Você enfrenta dificuldades de locomoção e mobilidade no transporte público?**

**SC**

*Para pegar ônibus sempre peço ajuda para alguém que está na parada, à disposição dos motoristas e dos cobradores é muito bacana, me orientavam muito bem para dizer onde era a parada, qual ônibus que eu tinha que pegar. Em relação à acessibilidade dos ônibus eu não vi nada. Deveria informar em áudio às paradas que está passando, informando o destino, aqui não vi nada.*

**SD**

*No transporte público é difícil só pra conseguir chega até ele, mas no transporte em si não tem problema, porque tanto o cobrador quanto o motorista são bem atenciosos pra auxiliar, aonde tenho que desce, pra subir a escada. No transporte em si eu nunca tive problema.*

**7. Quais as principais barreiras que dificultam ou impedem sua locomoção nas ruas, universidade e vias públicas em geral?**

**SC**

*Não há piso tátil na faixa de segurança e nem semáforo com sinal sonoro. Já aqui na frente do 67 a faixa é elevada, então aqui já tenho noção onde está a faixa de segurança, mas se a faixa é lisa, do nível do asfalto, como que vou saber? Tem esse porem de atravessar no lugar certo e não em qualquer lugar, além das calçadas em péssimas condições.*

SD	<p><i>Na Floriano Peixoto, calçada e universidade é a falta de sinalização, os poucos lugares que tem piso tátil é uma barbada andar. Por exemplo: Quando eu vou pro meu trabalho desço na frente do big novo e toda volta do big tem piso tátil então é uma maravilha andar, não tem que estar se socando na parede ou tentar andar pelo meio fio. Já nas ruas que citei tenho que andar meio “camicase”, as pessoas não pensam, por exemplo, vou tirar esse cavalete daqui porque vai passar uma pessoa, não vou parar no meio da calçada pra conversa porque pode passar uma pessoa por aqui, ai eu penso assim, se um cadeirante ou uma pessoa deficiente visual como eu passa aqui, qualquer pessoa vai poder passar, ai as pessoas não se ligam, até tu chegar lá e bater nelas.</i></p> <p><i>Na universidade tem prédios que eu não ando. No prédio 16 é um que não tem como, porque ou tem cadeira ou tem gente. No anexo que tinha lá na frente era muito tranquilo, foi o prédio mais acessível que já entrei, é só um corredor, até quando eu entrei para a pedagogia, foram me perguntar o que podiam fazer para adaptar e dai tiraram as cadeiras todas, colocaram de um lado só, o mesmo lado de bebedor, as lixeiras, tudo do mesmo lado, então sempre ficava um lado livre par eu andar. Já no prédio novo que teoricamente teria que ser mais acessível não tem nada, colocaram umas bolinhas na frente da porta e acharam que estava acessível é bem difícil à acessibilidade aqui.</i></p>
<p><b>8. Em sua opinião, o que poderia ser feito para eliminar tais barreiras?</b></p>	
SC	<p><i>Um recurso muito importante para nós é o piso tátil e as guias elevadas, claro que o básico é ter uma calçada inteira, isso é fundamental. A guia elevada e o piso tátil a gente não tem aqui e isso acaba sendo um problema. Uma coisa nova, mas que iria</i></p>

	<p><i>ajudar muito são os mapas de orientação, pois também tenho que saber para onde eu vou, ai tu pensa em um campus grande como é o nosso aqui, depois de fazer um mapa mental, saber onde está às coisas ficam mais fácil.</i></p> <p><i>Fico feliz quando as pessoas reformam suas calçadas, colocam piso tátil, nem que for uma tirinha já ajuda.</i></p>
SD	<p><i>As pessoas poderiam tomar um pouco de consciência né, que elas não são sozinhas no mundo e quem tem pessoas com dificuldades, seja visual, física ou a questão mesmo de idade uma pessoa idosa pra passar um lugar esburacado, cheio de degraus, as pessoas se empurrando na rua, uma pessoa idosa já não tem tanto equilíbrio, poderia ter um pouco mais de rampas, piso tátil, porque dai a gente não precisaria estar se matando pra disputar parede ou disputar espaços com outras pessoas, então andaria pelo piso e era isso, falta um pouco de informação para as pessoas.</i></p>
<p><b>9. Na cidade, local de moradia ou de trabalho existe serviços, equipamentos públicos, algum tipo de investimento ou alternativas que favoreçam sua locomoção e mobilidade.</b></p>	
SC	<p><i>Na frente da minha casa aqui em Camobi, tem um bueiro de 3 metros de profundidade, isso nunca teve em Santa Cruz sabe. Mas isso não é culpa da universidade e nem de Santa Maria, mas sim de todo país. Aqui dentro na universidade não posso fazer nenhuma queixa porque o pessoal do transporte é muito atento. Quando coloram o circular dentro do campus foi algo divino, fui abençoado. Não teria como eu vir no arco até aqui no prédio 67 sozinho. Sempre que eu preciso, o pessoal do transporte vem ao meu socorro, sempre que preciso ligo e o transporte vem prontamente me atender.</i></p>

**SD**

*Na vila onde eu moro, no Alto da Boa vista que teoricamente seria um lugar de menos acesso e mais dificultoso, as pessoas já me conhecem, ai falam “não vou deixa o carro aqui na calçada porque o SD vai passar por aqui”, se tem um buraco já vai alguém ali e tapa.*

## 5.1 Apêndice B- EXPERIÊNCIAS E CENAS VIVIDAS NO COTIDIANO DE CADEIRANTES

A seguir trago os relatos de experiências dos cadeirantes que frequentam a Universidade Federal de Santa Maria e a Cidade de Santa Maria.

<b>1. Idade? Você estuda? Em que nível de escolaridade se encontra?</b>	
<b>SP</b>	<i>21 anos, 8º ano do ensino fundamental na escola Diácono João Luiz Possobon</i>
<b>SA</b>	<i>15 anos, Sim, Escola Paulo Lauda, 8º ano do ensino fundamental.</i>
<b>SF</b>	<i>20 anos, Não, tenho ensino médio completo, terminei em 2014.</i>
<b>2. Você tem deficiência desde infância ou adquirida na adolescência?</b>	
<b>SP</b>	<i>Nasci deficiente, paralisia cerebral, prematuro de 6 meses.</i>
<b>SA</b>	<i>Nasci com a deficiência.</i>
<b>SF</b>	<i>Sim, desde o nascimento, paralisia cerebral leve.</i>
<b>3. Para se locomover você utiliza alguma ferramenta para facilitar sua Orientação e mobilidade? Quais?</b>	
<b>SP</b>	<i>Cadeira de rodas manual e cadeira de rodas motorizada.</i>
<b>SA</b>	<i>Cadeira de rodas manual</i>
<b>SF</b>	<i>Sim, Cadeira de rodas manual</i>
<b>4 . Você acha que os espaços como, praças, calçadas, parada de ônibus, são adequados para sua locomoção?</b>	
<b>SP</b>	<i>Não, é totalmente fora de padrão, há muito relevo, não tem</i>

	<i>como andar. Isso estraga toda cadeira de rodas, e tem que fazer manutenção constantemente.</i>
AS	<i>São normais</i>
SF	<i>Depende aqui em Santa Maria não há muitos espaços adequados para mim.</i>

**5 . Quais os locais preferidos para sua locomoção na cidade? Há muitas dificuldades de orientação e mobilidade nesses lugares?**

SP	<i>Locais preferidos é o calçadão, só que não vou muito por causa da dificuldade de locomoção as calcadas estão destruídas então vou pouco para lá e a UFSM.</i>
AS	<i>Vir aqui no projeto. Não, aqui na universidade não tem dificuldades de locomoção.</i>
SF	<i>Não saio muito, mas quando saio gosto de ir ao shopping no bairro Dores. Não há dificuldades para mim quando vou até lá.</i>

**6. Você enfrenta dificuldades de locomoção e mobilidade no transporte público?**

SP	<i>Sim, não são todos ônibus que estão adaptados, queria fazer alguns projetos aqui na UFSM, mas não tem como pelas dificuldades de locomoção. Há sete anos fui eu que testei os primeiros ônibus com elevador da cidade. O elevador é bem útil, só que não há manutenção com frequência, já peguei ônibus com o elevador estragado. Quando o ônibus não tem elevador ou está estragado espero o próximo, caso demora muito o motorista me coloca dentro do ônibus. É uma situação chata, pois eu tenho como ir, deveria ser todos ônibus adaptados, não somente um numero x, até por que em qualquer canto da cidade tem deficiente físico então deveria</i>
----	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<i>ser todos os lugares acessíveis, os transportes escolares deveriam ser adaptados também. Tenho a opção da cadeira motorizada, pois a manual estraga a coluna, só que no meu caso, não há transportes adequados para que eu saia com ela. A secretaria da educação não se importa com isso, para conseguir um transporte escolar adaptado a secretaria pede uma documentação desnecessária, eles tem dois micro-ônibus adaptados e não usam.</i>
<b>SA</b>	<i>Como não ando de ônibus, não faço ideia de como está atualmente a situação.</i>
<b>SF</b>	<i>No momento cidade de Santa Maria está com todo transporte público com elevadores. Como moro na Tancredo Neves, utilizo o transporte público, nunca tive dificuldade nessa questão. Mas quando eu era pequena não tinha elevadores, aí o motorista me pegava no colo e depois colocava minha cadeira dentro do ônibus.</i>
<b>7. Quais as principais barreiras que dificultam ou impedem sua locomoção nas ruas, universidade e vias públicas em geral?</b>	
<b>SP</b>	<i>Na cidade as calçadas são intransitáveis, nem todas as calçadas há rampas. Já na universidade já é melhor, há rampas boas, só que às vezes a imprudência é dos motoristas, que estacionam na frente dessas rampas, é uma falta de respeito com nós cadeirantes.</i>
<b>AS</b>	<i>Nenhuma.</i>
<b>SF</b>	<i>Na universidade não há barreiras, principalmente no centro de educação física. Já na cidade há locais sem rampas e calçadas são precárias.</i>

**8. Em sua opinião, o que poderia ser feito para eliminar tais barreiras?**

SP	<i>O poder público começar a nos enxergar, saber quais são nossas reais necessidades, só a promessa, mas nada é feito.</i>
SA	<i>Está tudo bom.</i>
SF	<i>Colocar mais rampas nas calçadas.</i>

**9. Na cidade, local de moradia ou de trabalho existe serviços, equipamentos públicos, algum tipo de investimento ou alternativas que favoreçam sua locomoção e mobilidade.**

SP	<i>Não, onde eu moro é estrada de chão fica ruim de sair, por causa da manutenção das cadeiras de rodas, principalmente da cadeira motorizada, tem um custo muito caro para a manutenção, às vezes falta peças para essa manutenção e chega demora um ano, então não saio de casa para minha cadeira não estragar, tanto que eu nasci em Santa Maria e nem conheço minha cidade direito. Nós cadeirantes queremos conquistar nosso espaço, quer ser uma pessoa comum, ser respeitado. Nada muda, os anos passam e está sempre a mesma coisa as pessoas a se isolam da gente.</i>
SA	<i>Não sei, mas perto de casa não têm dificuldades para sair.</i>
SF	<i>Não, lá as ruas são muito ruins, a muitas pedras no caminho que dificultam minha locomoção, então saio pouco de casa por isso.</i>

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Acessibilidade de pessoas portadoras de deficiências a edificações, espaço, mobiliário e equipamentos urbanos**: NBR 9050. Rio de Janeiro, 1994. 59 p.

**AMIRALIAN, Maria Lúcia T. M. O psicólogo e a pessoa com deficiência.** In: Becker, Elisabeth et. al.. Deficiência: alternativas de intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

BRASIL. Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.** Disponível em: .Acesso em: 14 ago. 2008

BATTISTEL, Amara Lúcia Holanda Tavares. Atendimento Educacional para alunos com deficiência física. In: **Formação de professores para o atendimento educacional especializado.** Ana Claudia Pavão Siluk (org.). Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2011.

BITTENCOUT, Leonardo Salazar, et al. **Acessibilidade e Cidadania: Barreiras Arquitetônicas e Exclusão Social dos Portadores de Deficiência Físicas.** Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, Belo Horizonte, 12-15 set., 2004. Disponível em: . Acesso em: 14 set. 2008.

GIL, Marta. **Acessibilidade, inclusão social e desenho universal:** tudo a ver. 2006. Disponível em: . Acesso em: 15 fev. 2007.

LAMÔNICA, D. A. C et al. **Acessibilidade em ambiente universitário: identificação de barreiras arquitetônicas no campus da USP de Bauru.** Rev. Bras. Educ. Espec. v.14, n.2, p. 177-188, 2008.

MANZINI, E. J. et al.. **Acessibilidade em ambiente Universitário:** identificação e quantificação de barreiras arquitetônicas.

LOPES, K. T. et al. **Acessibilidade de pessoas deficientes em escolas Públicas.** Disponível em: <[http://www.wgate.com.br/conteudo/medicinaesaudefisioterapia/variedades/acessibilidade\\_gleisson.htm](http://www.wgate.com.br/conteudo/medicinaesaudefisioterapia/variedades/acessibilidade_gleisson.htm)>. Acesso em: 22 mai.2010.

MELO, Amanda Meincke; PUPO, Deise Tallarico; PÉREZ FERRÉS, Sofia. **Acessibilidade: discurso e prática no cotidiano das bibliotecas** . Campinas, SP: UNICAMP, 2006.

MOREIRA, Muniz Engenharia. **Acessibilidade projetos e serviços técnicos.** [S.L.:s.n]. Disponível em: . Acesso em: 16 ago. 2008.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 327p. ISBN: 8522421110.

NOVI, Rosa.M. **Orientação e mobilidade para deficientes visuais: “ O Sol que faltava em minha vida”.** Londrina PR. Cotação 1996.

RIBEIRO, Elisa Antônia. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. **Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais**, Araxá/MG, n. 04, p.129-148, maio de 2008.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.327p. ISBN: 8522421110.

SÁ, Elizabet Dias. Atendimento Educacional para alunos cegos e com Baixa Visão. In: **Formação de professores para o atendimento educacional especializado.** Ana Claudia Pavão Siluk (org.). Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria,2011.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação** – 3. ed. rev. atual. – Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001. 121p.

VASCONCELLOS, Eduardo Alcântara. **Transporte urbano, espaço e equidade: análise das políticas públicas.** São Paulo: Annablume, 2001.

WOJNACK, D. **Orientação e Mobilidade para as pessoas Visualmente Deficientes com Desvantagens Adicionais.** Vinã Del Mar, Chile, 1989.

WEISHALN, R. **Orientation and mobility in the blind children.** New York: Englewood Cliffs, 1990.